



Os saberes de terreiros de candomblé e de Exu para se pensar e fazer mediação de leitura¹

*The knowledge of **Candomblé**
Terreiros and Exu in the
theory and practice of
reading mediation*

Felínio de Souza Freitas²

¹. O presente texto constitui uma versão traduzida do espanhol de uma comunicação apresentada e publicada nas "Actas de las VII Jornadas de Intercambio y Reflexión acerca de la Investigación en Bibliotecología", evento realizado na Universidad Nacional de La Plata (UNLP), na Argentina, em 2024. Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

². Mediador de leitura e jornalista. Mestre e doutorando em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA/UNESP) e discente da licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: felinio.freitas@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8886-3254>.

Resumo |

A proposta do artigo, resultado de uma pesquisa realizada no mestrado, é refletir sobre o fazer mediação de leitura segundo os saberes de terreiros de candomblé e o corpo-*corpus*, a palavra, a atuação poética e política de um/a mediador/a de leitura a partir do orixá Exu, entidade mediadora do candomblé. A escrita e a reflexão, utilizando-se o método autoetnográfico (Santos, 2017), partem da minha prática de mediação com operários/as dentro de indústrias – principalmente da produção de sapatos – em cidades do interior do estado de São Paulo, entre 2017 e 2019; e do fato de ser filho de santo do terreiro de candomblé chamado *Nzó Kyloatala*. O referencial teórico da investigação traz autoras/es que discutem temas como Exu (Silva, 2022), saberes de terreiros de candomblé (Machado, 2019), a palavra (Martins, 2021a) e a leitura de mundo (Freire, 2011a). Por meio das mediações realizadas, o estudo propõe, em conclusão, a partir dos saberes de terreiros e de Exu, pensar a mediação de leitura como proposta contracolonial para o encanto por meio das palavras e dos livros.

Palavras-chave: Mediador/a de leitura; Saberes de terreiros de Candomblé; Mediação de leitura.

Abstract |

The aim of this paper, based on research conducted during my master's degree, is to reflect on the practice of reading mediation through the knowledge of *Candomblé terreiros* and the body-*corpus*, the word, and the poetic and political performance of a reading mediator, drawing from the figure of the *orixá* Exu, a mediating entity in *Candomblé*. The writing and reflection, guided by the self-ethnographic method (Santos, 2017), stem from my experience mediating reading

sessions with workers in industrial settings – mainly in shoe production factories – across small cities in the state of São Paulo between 2017 and 2019; additionally, from my role as *filho de santo* in the *Candomblé terreiro* named Nzó Kyloatala. The theoretical framework of this study includes authors who discuss themes such as Exu (Silva, 2022), the knowledge of *Candomblé terreiros* (Machado, 2019), the word (Martins, 2021a), and the concept of reading the world (Freire, 2011a). Based on the reading mediations carried out, this research ultimately proposes a decolonial approach to reading mediation, inspired by the knowledge of *terreiros* and the *orixá* Exu, fostering enchantment through words and books.

Keywords: Reading mediator; Knowledge of *Candomblé terreiros*; Reading mediation.

Introdução

Os terreiros de candomblé³, além da sua configuração religiosa, são territórios educativos e espaços de mediação do saber ancestral, cultural, filosófico, poético e político. Estes locais são espaços de resistência e de propagação dos saberes negros provenientes da diáspora forçada/tráfico de pessoas do continente africano para o Brasil, durante o período da escravidão (Machado, 2019). No terreiro, o zelo com a palavra falada e com a existência humana são essenciais para a manutenção da vida e o encantamento desta em sua plenitude⁴. Dito isso, pelas dinâmicas e experiências operadas pelos terreiros como locais de mediação do saber ancestral e de luta contra a exploração colonial e outras formas de violência, pode-se pensá-los como territórios contracoloniais.

Dentro do contexto do terreiro, uma das entidades cultuadas associada aos processos de comunicação, à palavra e à mediação do saber é o orixá Exu (Silva, 2022), que como "princípio dinâmico [...] medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento" (Martins, 2021a, p. 32). Como mediador, é Exu quem comunica as diversas mensagens entre as entidades e os humanos, ou vice-versa. Assim, nesta

3. O historiador Jaime Sodré (2009, p. 2-3) ressalta que, em relação à religião afro-brasileira, há "uma divisão convencionada em base linguística, estabelecida como nações de candomblé, inclusive com variedades classificatórias no âmbito das diversidades dos estados que formam a federação brasileira e a presença de determinada etnia africana nos mesmos em tempos coloniais. O modelo geral seria: Ketu-nagô (yorubá), Jexá ou Ijexá (yorubá), Jeje (fon), Angola (banto), Congo (banto), Angola-congo (banto). Acrescenta-se a essa divisão o candomblé de Caboclo. Vale registrar a presença do orixá EXU, nas suas diversas variáveis, como elemento dinamizador das práticas dessas nações". Cabe destacar que, na nação do candomblé Congo-Angola, a entidade que possui características ou pode ser aproximada a Exu (mas não é Exu) é *Mpambu Njila*.

4. Essa perspectiva, no entanto, deve ser compreendida a partir das casas de santo que contemplam a manutenção e o reforço de laços comunitários, e que defendem a existência humana em todas as suas formas. É fundamental salientar que essa noção se opõe à perspectiva de outros terreiros cujas práticas podem estar alinhadas a ideologias que fomentam o racismo, o capitalismo acirrado, a violência contra mulheres e contra a população LGBTQIAPN+, dentre outras situações. Assim, ressalta-se que a denominação "terreiro" e seus modos de funcionamento são múltiplos, e não há um modelo único.

condição, durante o diálogo, Exu é a "própria narração", ou seja, ele encarna o narrado – no caso, a mensagem que comunica – ao ter a palavra e o corpo para essa mediação.

Por meio da sua sabedoria com a palavra, Exu carrega em sua essência, com a linguagem, o cerne da contradição, da provocação, da ludicidade, da incerteza ou certeza, bem como do ato de acolher – elementos que também estão presentes de forma intrínseca no ato de mediar a leitura.

De forma análoga à atuação de Exu, um/a mediador/a de leitura tem tanto a palavra escrita quanto a falada, bem como mobiliza os saberes corporais como elementos para mediar. O objetivo principal no espaço da mediação é criar condições de encontro entre os livros e os/as leitores/as.

A mediação como prática educativa, que se manifesta em múltiplos contextos sociais – por exemplo, escolas, bibliotecas, ou outros locais de convivência –, é efetivada por mães, pais, educadores/as e bibliotecários/as, entre outros. De maneira afetiva e engajada, praticando a escuta e a partilha da palavra de maneira generosa, um/a mediador/a concretiza e efetiva o ato de mediar, a depender do contexto e do tempo da ação, por meio da leitura de obras literárias ou outros gêneros textuais.

Assim, o/a mediador/a atua como um costureiro, entrelaçando e mediando partes ou a totalidade das narrativas, lançando provocações (perguntas e apontamentos) que guiam a leitura de imagens, textos, ou, ainda, a reflexão pós-texto. Ademais, a mediação é enriquecida de sentidos e ampliação de possibilidade interpretativas quando ela é associada a outras manifestações artísticas, obras literárias, ou mesmo à própria experiência da leitora ou do leitor.

Dessa forma, são criadas as situações de encontro que permitem aos leitores e às leitoras adentrar o universo do livro, familiarizando-se com seus códigos de uso, criação e fruição. O objetivo primordial, nessa perspectiva, é atuar na inserção, aproximação ou no fomento do hábito e do próprio ato de ler, potencializando a palavra como leitura de mundo (Freire, 2011a), ou seja, como potência realizadora e transformadora, tal como

é entendida dentro da perspectiva praticada por Exu e pelos saberes dos terreiros de candomblé.

Dito isso, o artigo, fruto de uma pesquisa desenvolvida no mestrado, tem como objetivo aportar os saberes e as poéticas – especialmente a palavra e as corporalidades – de terreiros de candomblé, a partir das minhas experiências como filho de santo e de Exu, para pensar a prática de um mediador ao mediar o livro e a leitura dentro do contexto fabril entre os anos de 2017 e 2019. Nesse período, o pesquisador mediu a leitura de diversos gêneros literários, principalmente para trabalhadoras de cerca de 20 indústrias, quase todas do ramo de produção de sapatos, em uma cidade do interior do estado de São Paulo, Brasil⁵.

A metodologia da pesquisa é baseada na autoetnografia (Santos, 2017; Adams; Bochner; Ellis, 2019; Chang, 2016), ou seja, trago para a investigação as minhas experiências como mediador de leitura dentro de indústrias, assim como os meus saberes como *ndumbê*⁶.

As reflexões do texto estão, portanto, entrelaçadas às minhas experiências no campo da mediação e do terreiro, e ao referencial teórico sobre as questões abordadas ao longo da escrita. Em suma, o objetivo do texto é criar um diálogo entre dois universos distintos para pensar a mediação de leitura como prática de encantamento para a vida.

Assim, uma das justificativas de aportar e pensar a mediação de leitura dentro das indústrias e empresas a partir

5. Por razões éticas, o nome do projeto, da instituição gestora e dos/as trabalhadores/as envolvidos nas mediações não serão identificados ao longo da escrita.

6. Palavra de origem bantu e que significa novato na religião, ou seja, a pessoa que está no estágio de aprendizagem dos ritos, sendo ensinado pelos "mais velhos"; e dinâmicas de uma casa de santo antes de ser iniciada para o orixá, *nkisi* ou vodun. A iniciação, conhecida também pela expressão "feitura de santo", pode ser pensada como um rito de passagem ou nascimento e estabelece a ligação do filho de santo com a entidade que rege a sua cabeça (*mutuê*). A expressão "mais velho", nas casas de santo, deve ser pensada dentro de outra concepção, ou seja, a partir dos contextos das culturas africanas e afro-brasileiras, que foge do conceito de senioridade e hierárquica ocidental, bem como essa expressão sendo pensada dentro das cosmopercepções que constituem esses espaços que não são patriarcais e não têm o gênero como fator determinante na hierarquia (Araujo; Freitas; Kamuanga, 2022, s/p).

da pedagogia dos terreiros é que estes locais são espaços de mediação do saber, de acolhimento e de cuidado com a palavra. Desse modo, a palavra dentro do terreiro – aquela também falada por Exu – possibilita a germinação de outras realidades imaginativas, acolhedoras e sensíveis em quem escuta: questão igualmente presente dentro de uma mediação de leitura.

O projeto no qual as mediações aconteciam existe no Brasil desde o ano de 1948. Por mês, deveriam ser realizadas seis mediações de leitura para o operariado, de forma que essas experiências acabavam por aproximar livros e leitores. Tal aproximação entre leitores/as e os livros era possível por meio da prática da escuta (Bajour, 2020) e do diálogo atencioso, isto é, que acolhe as tensões e as afetividades presentes no local onde acontece a mediação. Além disso, os/as participantes que faziam a mediação comigo eram pessoas com idade entre 18 e 65 anos, que leram com regularidade durante o período escolar.

Deve-se salientar, ainda, que as trabalhadoras e os trabalhadores que participavam da mediação não eram leitores assíduos. Alguns dos motivos para a não leitura eram por questões financeiras. Em outras palavras, por considerarem o livro caro, pelo não costume da compra de obras impressas, ou até mesmo porque a leitura dava lugar a outras "urgências da vida" como cuidar dos/as filhos/as, principalmente no caso das mulheres, pelo cansaço do corpo após o trabalho, dentre outras questões.

O caminho metodológico percorrido

O procedimento metodológico adotado durante o processo de pesquisa, reflexão e escrita no estudo foi a autoetnografia (Santos, 2017; Adams; Bochner ; Ellis, 2019). Logo, por meio deste método, nesta investigação, parto do meu trabalho como mediador no espaço fabril entre os anos de 2017 e 2019, unindo-o às minhas experiências (Larrosa, 2019) como filho

de santo, principalmente no Nzó⁷ Kyloatala, terreiro de nação Congo-Angola localizado na cidade de Embu-Guaçu, São Paulo.

A minha relação com os terreiros de candomblé teve início na infância, na comunidade rural de Caldeirãozinho, em Pintadas, Bahia. Próximo ao sítio da minha família, havia um terreiro de candomblé de caboclo. Posteriormente, na fase adulta no estado de São Paulo, frequentei algumas casas, fui filho de santo de um terreiro de candomblé de caboclo em Itaquera, bairro da zona leste paulistana, e em 2019, passei a ser filho do Kyloatala.

Ao trazer questões sobre a palavra ou a mediação de leitura pela perspectiva dos terreiros, essas reflexões são provenientes das minhas experiências com a palavra nesses espaços: de sentir a palavra, de observar como ela foi pronunciada ou zelada antes de ser dita, a saber, dentro de alguma cerimônia ou até mesmo no dia a dia, nas relações entre os membros da casa, a partir do atendimento a comunidade em momento de fragilidades (doenças, violências, abandonos) ou de boas notícias, dentre outras situações.

Por meio do método autoetnográfico, o escrever, o pensar e o investigar na pesquisa contemplam tanto aspectos teóricos sobre os assuntos que serão abordados quanto questões da minha prática como mediador de leitura, as experiências nos terreiros de candomblé por onde passei, que visitei ou dos quais fui filho. Portanto, essa abordagem metodológica viabiliza reflexões e questionamentos do próprio mediador-pesquisador sobre sua prática, em posse de uma teoria já existente sobre o tema como aporte para esse pensar, questão que amplia as camadas de interpretação e até mesmo de inserção de dados sobre o campo e questões investigadas.

Diante do exposto, como mediador e pesquisador, destaco que não há separação entre os saberes do corpo – ou seja, o que carrego e aprendo com o corpo – e as palavras que eram mediadas no espaço fabril. Assim, a escrita procura analisar como as experiências com a palavra dentro do terreiro

7. Palavra Kimbundu que significa habitação, domicílio, moradia, casa.

norteiam o pensar e fazer as mediações, bem como a relação do mediador com a linguagem.

Em síntese, através dessa metodologia, quem realiza o estudo é, ao mesmo tempo, quem viveu as experiências e o que será pesquisado. Por meio desse método, as minhas experiências (Larrosa, 2019) são situadas nessa escrita dentro de um viés crítico e analítico, e os fatos narrados trazem nessa perspectiva questões políticas, tensões do fazer, afetividades e outros demarcadores sociais e culturais que auxiliam na extensão/compreensão do fazer e estar mediador de leitura. A saber, trata-se de um conhecimento encarnado/vivido, que possibilita inserir na investigação questões sociais, políticas, afetivas, éticas e culturais, originadas de uma experiência-tempo espiralar (Martins, 2021b, p. 22), ou seja, o tempo como um "local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, [...], na superfície da pele".

Portanto, as minhas experiências como mediador de leitura não foram somente narradas: elas foram tensionadas e analisadas para pensar as questões sobre as mediações no contexto fabril e a minha relação com o operariado, sobre a construção do acervo literário a partir da escuta atenta das histórias, sobre as relações entre leitura e cansaço ou o que pode mobilizar a palavra.

Assim, dentro da investigação, a análise das minhas experiências sobre mediação extrapolava o mero relato individual; e a partir dessa perspectiva analítica, via referencial teórico, as minhas experiências e memórias foram "reconstruídas" e registradas em notas reflexivas e narrativas detalhadas, servindo como dados de análise e construção narrativa. Ademais, tais memórias foram pensadas e entrelaçadas levando-se em consideração um amplo contexto sociocultural (Chang, 2016).

O que o caminho da pesquisa me contou: resultados e discussão

Ao usar a autoetnografia como método, tendo como elemento de investigação a análise crítica das minhas

memórias e saberes provenientes de dois universos – no caso, o trabalho com mediação dentro de indústrias e a experiência como filho de santo –, torno possível registrar e refletir sobre memórias e situações que não seriam acessadas subjetivamente e qualitativamente por métodos tradicionais. Portanto, esse movimento permite pensar a mediação a partir de outra perspectiva em que o saber não se limita ao racional, incorporando dimensões simbólicas, culturais e corporais aprendidas no terreiro.

A mediação de leitura, assim como o terreiro, constitui-se como um espaço ritualizado e pode se configurar, para alguns leitores e leitoras, como uma experiência iniciática, tal qual ocorre nas casas de santo. No terreiro, para conhecer e saber, é necessário que os corpos dos filhos de santo experienciem as situações e o cotidiano.

Nesse ato de conhecer, os mais novos são iniciados nesses espaços pelo/a "mais velho/a", que atua como mediador/a do saber. O fazer e o participar na casa de santo são os pilares que sustentam o conhecer e que abrem camadas para a mediação do saber.

A partir do exposto anteriormente, é possível pensar a mediação à luz das experiências e cosmologias dos terreiros, compreendendo-a como um espaço de partilha, rito e transformação, tanto do/a mediador/a como dos/as leitores/as. Logo, como no terreiro, na mediação é essencial promover experiências paulatinas, que permitam a imersão gradual e continuada dos/as leitores/as no processo de mediação e o reconhecimento dos saberes envolvidos para que haja a aproximação e criação de relações com os livros ou experiências com a palavra poética.

Somente por meio das ações anteriores é que a experiência de mediação é concretizada numa perspectiva formadora, portanto, de maneira contínua, onde existe a escuta dos desejos e urgências dos/as leitores/as e a partilha do saber, levando em consideração o repertório cultural dos envolvidos na mediação, as suas dificuldades e facilidades de aproximação com a leitura, dentre outras questões.

Assim, pensar a mediação de leitura a partir dos saberes de terreiro implica reconhecer outras epistemologias e formas de conhecer, se relacionar com o mundo e mediar. A partir do terreiro, reflito que a mediação não se esgota ou deve apenas ter o livro como elemento principal, mas também deve abarcar e valorizar a presença, o gesto, as histórias pessoais, as sonoridades do espaço, isto é, os barulhos, as falas e os silêncios que atravessam a mediação, bem como a energia presente nas palavras.

No entrelaçamento entre as minhas relações com a palavra na mediação de leitura e a linguagem experienciada por mim a partir do terreiro, penso a palavra como um modo outro de dizer e de escutar, onde corpo e memória se encontram.

Em um terreiro de candomblé, antes de ser pronunciada, a palavra dita possui um contexto-*corpus* semântico de sentidos, de potência, de desejos de realizações, e não está solta no espaço-tempo. Em síntese, há uma implicação com o dizer, com o gestar o dizer, pois a palavra carrega e transporta o axé, ou seja, uma força de realização (Santos, 2012).

Assim, a palavra não é dita em vão, e o mesmo se aplicava aos processos de mediação de leitura realizados dentro das indústrias por mim. A partir dos terreiros, compreendo a palavra na mediação como gesto e ato mobilizador de construções de sentidos e de ampliação de percepção sobre os elementos narrativos contidos na obra, das situações presentes na sociedade e a vida de quem gesta a mediação com o mediador.

Ao mediar o livro e a leitura dentro do espaço fabril, eu estava atento e atrelado eticamente, politicamente, poeticamente e existencialmente com a palavra, a leitura e os leitores e as leitoras, uma vez que, ao dizer a palavra, eu estava "incorporado" pela/na palavra, assim como Exu ao mediar a comunicação: "[...] *incorporar* significa precisamente trazer ao corpo, fundir-se nele: o saber constitui parte integrante do corpo de quem o possui, torna-se uma qualidade sua" (Júnior, 2000, p. 18).

Desse modo, no meu trabalho de mediação de leitura em indústrias, alguns saberes experienciados no terreiro eram

mobilizados para pensar e fazer mediação e para compreender a minha relação com a palavra como elemento de transformação.

Nessa perspectiva, as diversas esferas das minhas experiências se uniam aos livros para costurar sentidos, e não havia separação entre estes conhecimentos – tal como ensina a filosofia africana, que orienta as práticas, poéticas e pedagogias dos terreiros de candomblé, especialmente daqueles comprometidos eticamente com a existência humana e com a defesa da vida.

Com isso, pensar a mediação de leitura a partir dos saberes de terreiros de candomblé e de Exu é refletir sobre como essa mediação pode construir relações, sentidos e experiências que atravessam o leitor e o texto:

[...] o sujeito como signo e efeito de princípios que não separam a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a memória coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano (Martins, 2021a, p. 44).

Retomando a discussão inicial sobre as relações entre o orixá Exu e a linguagem, ele é associado à palavra nas religiões de matriz afro-brasileira. Nesse sentido, podemos pensar que a relação entre os saberes dessa entidade e a prática de mediação de leitura se estabelece por meio do ato da fala.

Durante o ato de mediar, Exu, ao transitar por diversos mundos para transmitir mensagens entre humanos e outras entidades, provoca os sentidos e o corpo do receptor. Dentro das dinâmicas comunicacionais feitas pelo orixá, a palavra é usada para dinamizar acontecimentos, ou seja, ela é movimento. O orixá também atua de forma provocativa, transgressiva e afetiva sobre a palavra e o conhecimento, criando "confusões", acolhimento, dúvidas e poesia por meio da língua, dentre muitas outras peripécias comunicacionais e sensíveis. De maneira análoga, os processos de comunicação fomentados por Exu ao mediar a palavra também estão presentes durante o mediar a leitura.

Durante as mediações, sempre realizadas nas portas dos refeitórios e no horário do almoço, eu percebia que a palavra e os livros também criavam momentos de descontração e de leveza perante a dura rotina de trabalho. Assim, com efeito, a partir da perspectiva de mediação feita por Exu, o trabalho do/a mediador/a de leitura deve ser pensado como um campo educativo e de transformação de si e das/os leitoras/es.

Dentro do espaço fabril, ao longo de quase dois anos mediando o livro e a leitura, vi corpos que estavam "adormecidos" para os acontecimentos da vida em razão das violências diversas e de abandonos praticados e reforçados pelas questões sócio-históricas e estruturais perpetradas pelo Estado brasileiro e pelas elites, que se beneficiam dos privilégios de suas ações. Vi, ainda, corpos doentes pelas dinâmicas trabalhistas exaustivas, marcadas pela sobrecarga, pela precarização e pela constante pressão por produtividade.

No espaço fabril, os ruídos ritmados das máquinas eram constantes. Algumas vezes, durante a mediação de leitura, os operários soltavam algumas palavras entre uma frase e outra que revelavam as marcas do trabalho no corpo-memória: queixas sobre dores de cabeça, irritabilidade, desânimo, fadiga física, dores diversas pelo corpo e a concentração incessantemente testada pela exigência do trabalho a ser executado.

No Brasil, o "adormecimento dos corpos" é causado pelas dinâmicas de exploração praticadas pelo capitalismo, pela marginalização ou encarceramento da população pobre, preta e periférica, pelas violências constantes contra os corpos de mulheres e suas subjetividades, pela negação ao saber e ao conhecimento como forma de manutenção de poder.

Devido a isso, todas essas violências gestam corpos e existências desencantadas (Foucault, 1999). Cabe ressaltar que o corpo tem uma importância vital para a construção da subjetividade, sendo considerado um

[...] acervo de um complexo de alusões e repertórios de estímulo e de argumentos, traduzindo certa geografia política do corpo: o corpo pólis, o corpo das tempora-

lidades e espacialidades, o corpo gentrificado, o corpo testemunha e de registros (Martins, 2021b, p. 162).

A escuta dos corpos dos operários e dos desejos de leitura – questão que envolveu tempo, confiança e diálogo – foi o caminho para montar o acervo a ser levado para dentro das indústrias. Os apontamentos dos/as operários/as sobre a sua relação com a leitura, ou até mesmo o desejo de não ler em função do cansaço extenuante foram questões que me auxiliavam no processo de curadoria das obras. Ao curar o acervo, também passei a refletir sobre a margem de exaustão que o trabalho causava nos corpos dessas operárias e operários, e como o esgotamento físico e mental impactava diretamente a sua disponibilidade ou indisponibilidade para a leitura após um dia extenuante de trabalho.

Portanto, quando pensava o acervo, entre diversas ponderações, eu buscava selecionar as obras a partir dos cansaços verbalizados por aquelas pessoas. Em certa ocasião, em uma indústria, alguns operários e operárias solicitaram livros de contos, poesias, romances curtos ou histórias em quadrinhos. Ao serem perguntados sobre o motivo, uma operária relatou que os livros com narrativas menores poderiam ser lidos em um curto espaço de tempo, além de que não exigiriam tanto esforço mental e “respeitariam” os cansaços do corpo, como escutei certa vez.

Logo, o corpo dentro de uma mediação de leitura, assim como no terreiro, desempenha papel central e deve ser considerado em sua integralidade, uma vez que o ato de ler mobiliza e convoca todos os sentidos, e não somente a cognição (Littau, 2008). Nesse sentido, ao refletir sobre a relação entre corpo e leitura e sobre o que pode mobilizar a palavra, é pertinente lembrar que “somos animais corporais, nossa experiência de vida é mediada pela pele, mãos, nosso sexo [...]” (Bertrand, 2021, p. 76), bem como pelo cansaço e pelo descanso.

Por meio de sua fala, Exu no terreiro imanta corpos estáticos ou “anestesiados” para o movimento, ou seja, para a vida. Para Exu, a palavra é caminho para a transformação e

autonomia (Freire, 2011b). Todavia, a palavra dita por Exu leva em consideração a leitura do contexto, do corpo (suas dores, alegrias e prazeres), da história com quem ele dialoga, dentre outras questões. A partir da observação dessas situações, o orixá gesta a palavra e avalia o que pode ser dito, não dito, ou como dizer.

Retomando o diálogo sobre a questão do desencantamento de corpos dentro do espaço fabril, a partir de Exu, a minha palavra durante a mediação tinha como um dos objetivos abrir diversas possibilidades de diálogos para convocar a presença do corpo vivo ou das histórias vividas e gravadas nas experiências do corpo dos/as leitores/as. Por certo, a palavra também abria a possibilidade de pensar o que ainda não havia sido concebido e, nesse refletir, os/as participantes da mediação acessavam outras narrativas presentes no mundo, bem como dimensões de sua própria história pessoal.

Diante do exposto, a partir das situações apontadas sobre o que geravam as mediações, esses momentos e situações podem ser pensados como um encanto ou como uma mediação de leitura para o encanto: "encantar é expressão que vem do latim *incantare*, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo" (Simas; Rufino, 2020, s/p). Porém, vale ressaltar que esse encantamento não deve ser compreendido como uma experiência desprovida de crítica, mas como uma outra possibilidade de se estar presente e engajado nos acontecimentos do mundo.

Além disso, também concluo que esse encantamento se manifestava no meu corpo enquanto mediador. Consequentemente, em algumas situações, foi a poética que orientou os olhares, as dúvidas, os sentidos, os questionamentos e as minhas buscas durante o processo de mediação. Por fim, era por meio da palavra, tanto escrita quanto falada, que esse encantamento se produzia:

E é pela epifania da linguagem e na linguagem que o ser se torna imanente. Se a realidade às vezes se vela, por um processo numinoso de ocultação, é a força da pa-

lavra, como *alethéa*, "aparicação", não esquecimento, que propicia o fulgor da revelação e da desvelação, fundador da *arkhé* e do axé, do *logos*, enfim (Martins, 2021a, p. 25-26).

Qual a importância de pensar o encantamento por meio da palavra e do corpo nas práticas de mediação de leitura e, até mesmo, dentro de um processo educativo? Para responder a essa questão, torna-se necessário considerar o histórico das diversas violências presentes no país/território em que habitamos, as quais geram corpos e existências desencantadas.

As bases estruturais do que atualmente chamamos Brasil tiveram, por exemplo, como metodologia de formação adotada pelos colonizadores portugueses uma "ferramenta de invenção": o roubo de saberes, o derramamento e o extermínio de corpos e línguas (Brasileiro, 2021). Essa "tecnologia violenta de invenção" também se valeu do uso forçado dos saberes e corpos de pessoas provenientes do continente africano, traficadas para o país, assim como dos diversos povos originários que já habitavam estas terras.

Diante do exposto, o Brasil pode ser compreendido como um país tecido a partir de fragmentos de memória, rasgos de lembranças, restos de recordar, apagamentos históricos e violências – questões que ainda ressoam nos dias atuais e produzem situações de desencanto, por meio das diversas violências praticadas seja pelo Estado, seja pelas milícias, isto é, grupos paramilitares formados por policiais civis, militares ou penais, entre outros integrantes, seja pela polícia oficial a serviço das elites.

Assim, o país pode ser compreendido como um campo em chamas, no qual corpos são queimados vivos (Mombaça, 2021). Contudo, mesmo diante de tais violências, ou seja, de um país que perpetua a chacina de saberes e de corpos, "toda a beleza e todo respiro que existem vieram a ser apesar do Brasil", como escreveu Jota Mombaça (2021, p. 17).

Nesse sentido, em um país como o Brasil, e mesmo em outros da América do Sul – que historicamente regam o seu

solo com sangue e violência, desde a colonização –, performar a palavra de forma afetiva e política, poética e ética, por meio do gesto e do afeto de uma "mediação de leitura para o encanto", permite refletir sobre as possibilidades geradas por uma nova leitura de mundo e por uma reinvenção contracolonial de mundo-território.

Nesse sentido, torna-se fundamental refletir sobre o que pode mobilizar a palavra, o livro e a leitura, considerando algumas questões centrais: quem fala? De onde fala? Como fala? Quem permanece silenciado? Quais saberes estão presentes nessas falas?

Podemos pensar, portanto, que a palavra possui um *corpus* ideológico, resultado de construções históricas, sociais, econômicas e culturais (Volóchinov, 2018). Em síntese, como observa o autor, a palavra atua como mediadora entre a consciência individual e o mundo. Ademais, podemos refletir que a leitura não é um diálogo silencioso entre o/a leitor/a e o livro; assim o ato de ler não está isento de filtros ideológicos, controles ou censuras, ou mesmo do ocultamento de determinadas realidades – aspectos que também podem ser analisados a partir do pensamento de Volóchinov (2018).

Ao retomar as considerações sobre como os terreiros de candomblé podem oferecer possibilidades para a mediação de leitura, percebe-se que esses espaços permitem pensar outras formas de estar e de ser na sociedade. As operações sensíveis e as interações nesses lugares operam reconexões com a ancestralidade, muitas vezes apagadas em decorrência dos traumas históricos e do modelo educacional imposto pela colonialidade (Kilomba, 2019), marcado pelo racismo cotidiano e pelos ecos coloniais ainda presentes na contemporaneidade. Tais operações sensíveis, próprias das pedagogias dos terreiros, recriam ou ativam sementes de encantamento, tanto para a nossa própria história quanto para o território em que habitamos e para o nosso modo estar no mundo:

No caso da cosmovisão africana, educa-se para a sabedoria, para a filosofia da terra, para a ética do en-

cantamento. Educar é conhecer a partir das referências culturais que estão no horizonte de minha história (ancestralidade). [...] Aguça-se a sensibilidade para perceber o encanto que tece as coisas. Sensibilizado, o Outro deixa de ser apenas um conceito, e me interpela para uma ação de justiça e me convida a uma conduta ética. Sensibilizado posso fazer da vida uma obra de arte, uma construção estética (Oliveira, 2005, p. 260).

Assim, ao considerar-se tanto as operações sensíveis praticadas dentro de um terreiro quanto a atuação de Exu, pensar um processo de mediação de leitura é imaginar o livro e a palavra como possibilidades de rompimento do pensamento linear e das formas de estar e viver no mundo. Trata-se de desafiar a anestesia imposta aos corpos pela sociedade, por meio de seus diversos mecanismos de controle social (Foucault, 1999).

Ademais, a proposta da mediação de leitura para o encanto consiste em refletir sobre a palavra como instrumento capaz de estancar violências, bem como pensar em ações que dissolvam interpretações rígidas da realidade. Nesse processo, o/a mediador/a em sua prática deve permanecer aberto/a à incerteza, que é capaz de gerar transformações nos modos de pensar e sentir.

Em síntese, diante da ligação ética, política e poética que o terreiro e Exu estabelecem com a palavra, o aporte desses saberes, pensar e realizar a mediação configuram um chamado poético para que mediadores e mediadoras habitem a atmosfera política e poética do mundo por meio da língua-linguagem, seja escrita ou falada. Dessa forma, esses corpos, ao "morarem" nessa linguagem afetiva, podem gerar possibilidades de polinização e povoamento dos espaços em que vivemos, atuamos e fazemos mediação.

O possível resultado desse "morar" na linguagem seria o surgimento de outros modos de estar no mundo via conhecimento, palavras e livros, por meio da educação e da poesia, funcionando como uma proposta de contranarrativa à eurocentricidade (Adichie, 2019). Em outras palavras, trata-se

de um caminho para evitar a imposição de uma única percepção de mundo.

Por conseguinte, na mediação de leitura voltada para o encantamento, além da palavra escrita presente nos livros, a palavra oral, do mediador ou da mediadora, bem como dos leitores e das leitoras, deve integrar a construção sensível e o próprio fazer da mediação, incluindo os saberes populares, das ruas e das comunidades em habitamos. Nesse sentido, o corpo do/a mediador/a e dos/as leitores/as também é parte constitutiva desse processo, pois é ele quem produz, carrega e comunica o dizer. Assim, o corpo se configura como território de criação, de instituições de poéticas e políticas que inscrevem e grafam conhecimentos (Martins, 2021b), tornando-se, dessa forma, um mediador por excelência.

O que fica do caminho percorrido: conclusões

Ao pensar a mediação de leitura a partir dos saberes das poéticas dos terreiros de candomblé e de Exu, por meio da autoetnografia aplicada aos espaços em que eu realizava mediação, como indústrias de sapatos, emergiu uma reflexão sobre o cuidado com a palavra, com a escuta, com os corpos e com as grafias e saberes presentes no meu corpo, enquanto mediador, e no dos/as leitores/as (Martins, 2021a). Assim, as minhas experiências no terreiro possibilitaram refletir sobre a mediação dentro de uma dimensão sensível, política, crítica e ética.

As reflexões sobre a palavra e o corpo partiram das minhas experiências vividas no terreiro, onde a palavra é usada para cuidar e mobilizar acontecimentos, para reconectar e ressignificar o existir. Assim, se a palavra no terreiro é usada para gestar outras cosmopercepções, refleti que, na mediação dentro das indústrias, ela poderia ser instrumento de questionamento das violências que nos atingem cotidianamente, do dizer como possibilidade de acolhimento e afeto, além da linguagem como gesto e potência de fabulação de outros mundos possíveis.

Logo, as minhas incursões e experiências nos terreiros de candomblé e a minha relação com Exu levaram-me a refletir sobre

a palavra como forma de encantamento e como possibilidade educativa e poética quando pronunciada, especialmente no ato de mediar.

Ao construir uma encruzilhada conceitual e simbólica, ou seja, entre pensar a minha atuação como mediador de leitura e as minhas experiências como filho de santo, como ensina as pedagogias dos terreiros, não havia separação entre os saberes praticados na mediação e as experiências de vida do operariado.

Em suma, os saberes provenientes do terreiro de onde sou filho, os modos de conhecer e de pensar, em especial a relação-atuação de Exu com a palavra, eram suportes para refletir sobre o fazer mediação.

Assim como em um terreiro, as mediações realizadas dentro das indústrias possibilitavam uma relação cuidadosa com a palavra, abrindo espaço para outras formas de estar no e de pensar o mundo. Esse movimento implicava um cuidado ético e estético com a outra pessoa, com o gesto e com o ato de dizer a palavra, além de novas maneiras de mediar os livros – aspectos que podem ser compreendidos dentro do campo do encanto, no qual se tornam possíveis outras realidades sensíveis e educativas. Entretanto, para que essa recriação via encantamento se efetive, é fundamental o comprometimento com a realidade, pois sua concretização depende de atitudes situadas e concretas:

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já-dado. O olhar encantado re-cria o mundo, porque vê o mundo com olhos de encanto. É uma matiz de diversidade dos mundos. Ele não imagina; ele constrói mundos! É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá no nada. Dá-se no interior da forma cultural. A forma cultural africana é o encantamento. Como tal, o encantamento é uma atitude diante do mundo (Oliveira, 2005, p. 239).

Nesse sentido, a partir dos terreiros de candomblé e da atuação do orixá Exu, pensar a mediação de leitura pelo

viés do encantamento, por meio dos livros, da leitura, da palavra e da nossa própria história, implica refletir sobre a possibilidade de oferecer novas e outras contribuições para as cosmopercepções de práticas educativas e das sensibilidades que emergem no ato de mediar, de um exercício de cuidado com a palavra e o corpo do/a leitor/a e do/a mediador/a, reconhecendo ambos como território de inscrição poética (Martins, 2021b). Destarte, é necessário reconhecer que o saber não está apenas no livro, mas também nas ruas, nas rezas, nas vozes que transportam os lugares e territórios que já transitamos e vivemos, bem como pelos cantos e ritmos outros propiciados pelas dinâmicas do viver.

Todavia, quanto ao corpo do/a mediador/a e o dos leitores, aprendi com Exu sobre o ato de escutar e mediar que é necessário, muitas vezes, deslocar a nossa perspectiva de quem interpreta para a de quem escuta, silencia, acolhe a palavra, duvida do falar e compartilha (a palavra é tempo e para ser gestada precisa de tempos): ou seja, alguém que está mediando também se deixa mediar. No mais, a palavra se faz com o outro e no outro.

A partir dos terreiros e da atuação de Exu, podemos refletir que uma prática de mediação de leitura deve estar profundamente imbricada com a vida e com os acontecimentos do território em que se realiza. Nesse sentido, é fundamental questionar como a palavra está sendo emitida, bem como de que maneira a leitura de mundo (Freire, 2011a) de quem medeia e de quem participa da mediação se manifesta nesse processo, incluindo a relação estabelecida com os livros.

Portanto, por meio dos saberes dos terreiros e da atuação de Exu, a mediação de leitura se configura, por excelência, como um ato poético e político: a palavra exerce uma função em defesa da vida e incorpora as contribuições culturais de diversas matrizes sociais.

Nesse processo, não há separação entre livros, a palavra e a vida. Ademais, a proposta de mediação de leitura para o encanto, inspirada nos saberes de Exu e dos terreiros, não cria uma dicotomia entre os conhecimentos orais e escritos

(Martins, 2021b). Ressalto que essa abordagem considera os saberes inscritos nos corpos, entendendo a leitura como um processo que envolve o corpo e seus sentidos, e não apenas o ato de ler como cognição mental (Littau, 2008).

Recordo, a partir da reflexão da pesquisadora e ensaísta Leda Maria Martins (2021b), que o pensamento introduzido no Brasil pelos colonizadores portugueses reafirmou a dicotomia entre a palavra oral e escrita, valorizando esta última como o único saber legítimo, em detrimento das poéticas orais e dos saberes inscritos e presentes nas corporalidades. Entretanto, é importante refletir que

[...] o gesto e a voz modulam no corpo a grafia dos saberes da vária ordem e de naturezas as mais diversas, incluindo-se aí um saber filosófico, em particular uma concepção alterna e alternativa de tempo, de suas reverberações e de suas impressões e grafias em nosso modo de ser, de proceder, de atuar, de fabular, de pensar e de desejar, enfim (Martins, 2021b, p. 41).

Desse modo, para a existência de uma poética do encanto, para que a palavra percorra e habite os corpos do/a mediador/a e dos/as leitores/as, é necessário reintroduzir os saberes corporais durante o ato da mediação e da leitura, uma vez que o corpo todo lê (Mota, 2019). Nessa perspectiva de mediação de leitura para o encanto, o corpo deve ser refletido e pensado também como portador de marcadores sociais, culturais e de gênero, elementos que orientam tanto o pensar quanto o fazer da mediação e a curadoria de um acervo literário:

No que diz respeito a ler, apenas compreendemos o que realiza o nosso corpo, porém sabemos que o corpo foi importante na história da leitura. O leitor desencarnado da teoria literária moderno bem poderia reivindicar, como Deleuze: *Dá-me um corpo então*, não somente historicizado e pertencente de gênero, por outro lado também racializado, sexualizado e tecnologizado (Littau, 2008, p. 245, tradução própria).

Em suma, a proposta da mediação de leitura para o encanto busca também inserir, a partir das histórias e dos contextos em que as mediações aconteciam, as experiências (Larrosa, 2019) das leitoras e dos leitores como ponto de partida para diálogos sobre os livros, a vida e a potência da palavra. No entanto, para que esse ato de mediar se efetive, é necessário pensar em ações contínuas, voltadas ao acesso e à democratização do livro e da leitura, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social ou cujos direitos democráticos e cidadãos não são efetivados e assegurados plenamente pelo Estado.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Tony Edward.; BOCHNER, Arthur Paul; ELLIS, Carolyn. Autoetnografía: un panorama. In: CALVA, Silvia M. Bénard (Org.). **Autoetnografía: una metodología cualitativa**. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2019. Disponível em: <https://editorial.uaa.mx/docs/autoetnografia2.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2019.

ARAÚJO, Ayni Estevão de; FREITAS, Felínio de Sousa; KAMUANGA, Tata. **Unzó Kyloatala: território cultural Bantu**. Acervo da Unzó Kyloatala – Território Cultural Bantu e Casa de Candomblé de Nação Angola-Kongo, 2022. Material não publicado.

BAJOUR, Cecilia. **Literatura, imaginación y silencio: desafíos actuales en mediación de lectura**. Lima (PE): Biblioteca Nacional del Perú, 2020.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Tornar-se imensurável: o mito negro brasileiro e as estéticas macumbeiras na clínica da efemeridade**. 2021. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados

em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24708?mode=full>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BERTRAND, Sara. **Patos e lobos-marinhos: conversas sobre literatura e juventude**. São Paulo (SP): Solisluna Editora; Selo Emília, 2021.

CHANG, Heewon. Chapter 3: Autoethnography. In **Autoethnography as method**. New York (USA): Routledge, 2016. p. 43-57.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2000. Disponível em: <https://acervus.unicamp.br/index.html>. Acesso em: 20 jan. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2019.

LITTAU, Karin. **Teorías de la lectura: libros, cuerpos y bibliomanía**. Buenos Aires (ARG): Manantial, 2008.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte (MG): Mazza Edições, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021b.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOTA, Lia Duarte. Um corpo de leitura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 57, e573. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/G4RchYQgtkg8Z89rt4QSYJC/?lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2024.

OLIVEIRA, Eduardo Davi de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira**. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2005. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005_tese_edoliveira.pdf. Acesso em: 06 jan. 2023.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Ëgun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, Sílvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVA, Vagner. **Exu: um deus afro-atlântico no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. (E-book).

SODRÉ, Jaime. Exu: a forma e a função. Revista VeraCidade: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente – SEDHAM da Prefeitura de Salvador (BA), Salvador, ano 4, n. 5, p. 1-11, out. 2009. Disponível em: <http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/pdf/artigo4.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo (SP): Editora 34, 2018.

Submetido em: 07/03/2025

Aceito em: 01/12/2025